



Um
avesso
perfeito
Lília Figueiredo

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

Capítulo 1

1844

Madrugada de 14 de novembro

*Município de Piratini, Província do
Continente de São Pedro do Rio Grande*



– TEÇÁ! – A VOZ DA ARAYA ECOOU MAIS FORTE: – *Teçáááááá!*

Ele ouviu de longe a avó. Deixou os outros curumins e correu a atender o chamado. Estava quase na hora do jantar, e hoje seria aaru; antecipou o sabor crocante da carne de tatu enrolada com farinha de mandioca. Depois ela lhe contaria uma história, da Iara, ou do terrível Anhangá, ou ainda sobre o poder de Araci.

Isso se ninguém a chamasse, necessitado dos conhecimentos de sua Araya, de suas ervas ou invocações, interrompendo o escasso tempo do neto na aldeia. A avó era dotada de poderes de pajelança – poder esse manifestado desde o ventre materno, e todos ouviram quando ela gritou lá de dentro, sinal claro de uma pajé “de nascença”, apesar de ser raro esta sina recair sobre uma mulher. Isso a fazia uma pessoa muito especial.

– Conte a história do meu nascimento, Araya! – pediu Teçá, apesar de já a ter ouvido dezenas de vezes. Sabia de cor as palavras da avó, da mãe e do pai a descrever aquela madrugada morna de 2 de dezembro de 1825, quando o Rio de Janeiro foi acordado às duas

e meia da manhã ao estrondo de três tiros de foguete. Badaladas brotando das torres das igrejas, luminárias espalhadas pela cidade e gritos de salvas para saudar o menino recém-nascido.

É claro, a festança era para outra criança, ele sabia – destinava-se ao herdeiro varão do Imperador Pedro I. Depois de quatro filhas, chegava, enfim, o primeiro futuro Regente nascido em terras brasileiras. Pegando emprestadas as saudações ao novo membro real, Tomás Pedro Barvança – o do meio acrescentado em homenagem ao príncipezinho –, foi recebido neste mundo. A mãe, ela mesma uma mameluca, e a Araya queriam incluir o nome indígena, entretanto o pai, descendente de imigrantes de Braga, foi taxativo. O filho já sofreria as consequências por ser um mestiço, imagina se adere aos costumes. Não! Receberia um bom nome português na pia batismal católica.

– Mas eu te batizei aqui também, para conjurar proteção e te livrar dos maus sopros: Teçá, Olhos Atentos. – A índia o fitava atrás do fogo dançante sobre a lenha, e suas íris embaçadas pareciam ver através dele. – Um espírito de pajé vai atravessar teu caminho e ser importante na tua vida, Teçá; e tu, na dele. Não vai ser um abá, vai ser um cari.

– Um cari? Branco também pode ser pajé, Araya?

– Isso, os espíritos decidem. – A índia continuava a enxergar um mundo só descortinado para ela. – Olhos de ara, arani...

– Olhos de nuvem, de tempestade? – repetiu ele, assustado.

O menino apertou as pálpebras com força. Temia compartilhar as visões da avó. Quando tornou a olhar, viu-se na chácara Flandres com seus três amigos.

– Por que vais ser a primeira a jogar? – protestou ele.

– Porque... porque... – Ela devia inventar algo convincente. E rápido! – Porque meu aniversário é o mais próximo, e faço dez anos no dia do décimo ano da Independência. Por isso eu serei a primeira.

– Grande coisa, Liége! – Tomás tinha uma cartada. – Se for por importância de aniversário, o meu é junto com o do Príncipe Imperial.

– A Independência é mais importante do que o Príncipe, então eu vou jogar primeiro – disse, já agarrando a pedrinha a ser lançada nos quadrados desenhados na terra.

– Vais nada, vamos sortear a vez. – Colocou-se na frente para impedi-la.

– Ai, queres o marco? – A menina pousou a pedra no chão e agarrou outra coisa, sem parar de mirá-lo com aqueles olhos de cor rara, no tom da areia da praia à hora crepuscular. – Vem merecê-lo, então.

Só tarde demais Tomás percebeu – ela havia juntado um punhado de terra e arremetido contra ele enquanto partia em correria, desafiando-o.

– Quem chegar primeiro ao açude, joga primeiro. Duvido me venceres com essas perninhas de graveto.

Irritante! Ela era bem mais alta. Darling, sendo surda, apenas correria atrás da líder. Francisco, com 17 anos e pernas compridas, ganharia se quisesse, mas se comportava como se tivesse a idade de Tomás e nunca contrariava a “sinhazinha”.

– Uh, uh, o Graveto não me alcança, o Graveto não me alcança... – caçoava a menina enquanto aumentava a distância.

Tomás pôs-se a correr em direção ao açude.

– *Melhor ser um graveto do que um... uma... um xarope de alho, enjoativo, azedo...*

– *Graveto, Graveto...*

– *Xarope, Xarope...*



Tomás foi surpreendido por cotoveladas nas costas e se perguntou como a Xarope conseguia estar muito à sua frente na corrida e ainda importuná-lo com cutucões por trás.

– Acorda, Barvança, a folga acabou. O Coronel nos quer atentos quanto mais nos aproximarmos da colina.

Tomás despertou de vez, com o cheiro de pinho úmido invadindo-lhe as narinas, já com saudade do sonho idílico. Em vez da aldeia com a Araya ou da chácara com os amigos, ele estava num descampado no interior da província mais ao Sul do Brasil. E, embora novembro já trouxesse dias abafados prenunciando o verão, as noites primaveris ainda lhe permitiam se enrolar no cachecol de lã, presente de Liége na despedida. O tecido tricotado carregava seu cheiro feminino de lavanda.

Ele a amava, e esse sentimento zombava de si. Quanto mais tentava sufocá-lo, mais o aferroava. Já tinha sua resposta. Liége o tinha na mais alta conta de carinho e amizade, contudo o coração dela pertencia ao marido. A despeito do casamento arranjado, o futuro Visconde de St. Ives, aquele gigante a quem recentemente Tomás havia sido acusado de tentar assassinar, rendera-se aos encantos da mulher. Com reciprocidade. Assim

ela o havia confessado, jogando a pá de cal na esperança desse amor fadado a fracassar.

Ela era inatingível, ele sempre soube. Única filha moça de Leopold Ranwez, um dos mais prósperos comerciantes do eixo Corte-Niterói, o pai já era abastado quando se casou com dona Elvira, herdeira solteirona de um rico negociante português nascido no Brasil – os estrangeiros eram assim: se a linhagem permanecesse sem mácula com os da terra, assumiam a nacionalidade de seus ascendentes. E Tomás, o mais novo de oito irmãos, único da prole com sangue índio, era fruto do segundo casamento de um ferreiro com uma mestiça. Apesar de Onório Barvança ter ampliado bastante a serralharia “A FORJA FORTE” graças aos inúmeros serviços prestados ao senhor Ranwez, Tomás jamais seria aceito como genro, mesmo se Liége quisesse. E ela jamais quis. Tampouco cogitou. Ele nunca deveria tê-la desejado.

– Que horas são, Raposo? – perguntou Tomás no meio de um bocejo.

– Quase duas.

– Aonde nos dirigimos nesse breu? Espera-se algum entrevero? – Tomás riu de si mesmo. Havia chegado há pouco mais de quatro meses a Porto Alegre, a bordo do navio *Andorinha* e, em deslocamento pelo interior, já estava usando expressões típicas daquela província, onde briga era “entrevero”, açude era “sanga”, campina era “coxilha”..

– Buscamos um acampamento de rebeldes aqui em Porongos – respondeu o colega.

– E o armistício negociado em agosto lá na fazenda em Santa Maria? – Tomás foi designado para o pequeno destacamento legalista posicionado na propriedade do Barão de Caxias, a esperar o General gaúcho principiadador daquela rebelião de quase uma década.

Ele viu o General Bento Gonçalves chegar ao sítio, sob um sol acuado por nuvens, altivo em seu uniforme, em cima de uma bela montaria negra, rodeado de uma comitiva formada apenas por seu filho mais velho e outros quatro cavaleiros. Caxias o recebeu na varanda e o chamou a entrar. Durante duas horas, naquela sala temperada pelo inverno sulino, os comandantes rivais tentaram chegar a um acordo para pôr fim ao derramamento de sangue. O chefe dos farrapos vinha reclamar o reconhecimento da Federação. O dono da casa, de olhos vivos e bigode farto, quinze anos mais novo do que o convidado e igualmente sobranceiro, recebera do Imperador a sucinta ordem: “Acabe com esta revolução, assim como acabou com as outras”. Ele não estava autorizado a permitir tal concessão e explicou seus termos para o fechamento daquela guerra fratricida.

– Pelo visto, o armistício virou água! – concluiu Raposo.

– Mas estamos há semanas apenas confrontando pequenos grupos, nenhuma cidade nas mãos dos separatistas – rebateu Tomás.

– Ouvi dizer que Caxias recebeu uma carta dos farrapos. Eles recusaram a rendição – intrometeu-se o paulista Diolindo, caminhando atrás deles. – Eita povinho brabo e orgulhoso. Há meses sem conseguir vitória importante, andam por aí em

Contato da autora:
figueiredo.lilia@yahoo.com

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em maio de 2021.
